
MARIA VALÉRIA REZENDE: COLORINDO INVISÍVEIS POR MEIO DA LITERATURA

MARIA VALÉRIA REZENDE: COLORING THE INVISIBLE THROUGH LITERATURE

Daiana Patrícia F. Piaceski¹

Resumo:

A vida e a obra de Maria Valéria Rezende, com detalhes de seu fazer literário validados pela própria escritora, são objeto deste texto. Formataado em grande parte como entrevista, nasceu da necessidade de levantamento de fortuna crítica para a dissertação “Fios de Roca e tramas sentimentais: personagens tecelãs em *O Continente*, *Os Sinos da Agonia* e *O Voo da Guará Vermelha*”, para o Programa de Pós-Graduação em Letras da UTFPR, cuja linha de pesquisa é Literatura, Sociedade e Interartes. Maria Valéria Rezende concedeu a entrevista em dois momentos, trocando com a autora mestrandas mensagens por escrito via redes sociais; e por entrevista gravada na ligação telefônica de 5 de fevereiro de 2017, numa conversa com duração de uma hora e sete minutos. Há ainda uma atualização no texto, igualmente validada pela autora, em 31 de julho de 2019. O texto inicia com um compilado de fortuna crítica de Maria Valéria pesquisados pela autora, culminando na estrutura ping-pong de pergunta resposta, e sendo finalizado com uma conclusão, especialmente para este artigo.

Palavras-chave: Maria Valeria Rezende, literatura, romances, entrevista

Abstract:

The life and work of Maria Valéria Rezende, with details of her literary work validated by the writer herself, is the subject of this text. Mostly formatted as an interview, it arose from the need to gathering critical resources for the thesis “Yarns of a spinning wheel and sentimental plots: weaver characters in *O Continente*, *Os Sinos da Agonia* and *O Voo da Guará Vermelha*”, for the Literature’s Master Program of UTFPR, focused on the research within Literature, Society, and Inter-arts. Maria Valéria Rezende gave a two-part interview, first exchanging messages with the author by social media; and secondly by an interview over the phone, recorded on February 5, 2017, in a conversation lasting one hour and seven minutes. There is also an update in the text, equally validated by the author, in 31 July 2019. The essay begins with a compilation of Maria Valéria’s critical resources researched by the author, culminating in a back and forth interviewing structure, and being finalized with a conclusion, especially for this essay.

Keywords: maria valéria rezende, literature, novels, interview

1 Mestre em Letras (2017), no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.



Introdução: quer casar ou vai ser freira?

Uma freira escritora. Possivelmente, esta seja uma das formas mais simples para apresentar Maria Valéria Rezende, nascida em Santos (SP), em 8 de dezembro de 1942. Na ilha permaneceu morando até os seus 18 anos. Sua vida tem sido devotada às pessoas mais pobres, tanto por sua vocação escolhida, quanto pelas histórias que escreve. Militante e participante da Juventude Estudantil Católica, bem jovem entrou para a Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho, por meio da qual ganhou o mundo. “Era um tempo em que o mundo fazia a seguinte pergunta para as meninas: ‘Quer casar ou vai ser freira?’ A ideia de vida para a maioria era casar, ter um único emprego, viver na mesma cidade, criar um monte de filhinho. Depois de tanta aventura eu ia virar dona de casa? Não” (Rodrigues, 2014). Sempre se dedicou à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste. Viveu no meio rural de Pernambuco e da Paraíba e, desde 1988, mora em João Pessoa. Chamada para compartilhar sua experiência em Educação Popular e trabalhos sociais, viajou por todos os continentes. É uma escritora sem fronteiras também em sua abordagem, já que escreve para crianças e adultos, tanto poesia quanto prosa, abordando temas como o medo, a lealdade e as relações sociais, a violência contra a mulher, o analfabetismo, o trabalho escravo e braçal, a falta de dinheiro e a fome, entre outros.

Levantar a fortuna crítica de Maria Valéria Rezende exigiu um misto de esforço e desafio, pelo fato de seu nome ainda não constar nas histórias literárias brasileiras publicadas. Em vista disso, abriu-se a possibilidade de se tentar uma comunicação diretamente com a escritora, ao notar que ela responde diariamente a seus leitores no seu perfil em redes sociais, participa de congressos e outros eventos, concede entrevistas a meios de comunicação e a pesquisadores, como a que manifestou com exclusividade para a composição deste trabalho.

Ao se fazer o primeiro contato com a escritora pelas redes sociais, houve, além de uma grande receptividade por parte da autora, a disposição em esclarecer fatos a seu respeito: «Olhe só... há várias matérias de imprensa que sugerem ser resumos de entrevistas minhas, mas que o jornalista faz ilações completamente equivocadas... então, se quiser, quando fizer algum texto baseada nelas, me mande para eu esclarecer possíveis equívocos”. (REZENDE, 2017, via inbox)

Muito sobre Maria Valéria é possível de ser encontrado por meio de sites. Mas nem tudo, alerta a autora, é correto. Daí a oportunidade de, por meio de um texto de iniciativa acadêmica, validado por ela, corrigir ilações equivocadas.



2 (Poética de) Romances de Entrelugar

Maria Valéria Rezende é uma autora do entrelugar, das pessoas em trânsito, o que permite que a sua obra ultrapasse fronteiras. Suas obras podem ser conhecidas e adquiridas diretamente no www.maria-valeria-rezende.lojaintegrada.com.br e, como informa o próprio site, “todas as obras adquiridas serão autografadas pela autora”.

Ela empresta a sua carne para fazer enxergar uma condição de “Irenes” e “Rosálíos”, mas também de “Alices”, entre outras personagens. No primeiro Romance, *O Voo da Guará Vermelha*, Rosálío conta para Irene as histórias de toda a sua andança em busca do aprendizado: ele quer aprender a ler e a escrever. No segundo romance e vencedor do Prêmio Jabuti, *Quarenta Dias*, esta “andança” é o motivo do livro, e foi vivida pela própria autora para inspirar e compor uma mulher madura em busca de um jovem, como Maria Valéria já revelou em algumas entrevistas, ter ficado por 15 dias nas ruas de Porto Alegre, passando a noite (não dormindo) em rodoviárias, praças, prontos socorros, etc.

Cansada da “literatura de bar e alcova”, dizendo-se nada entendedor de ricos e acreditando que eles não precisam ser mostrados, nitidamente a própria Maria Valéria Rezende se coloca no entrelugar para colher todas as inspirações e compor a sua personagem. Para narrar, Rezende viveu a própria experiência e criou a narradora Alice, protagonista da história.

Rosálío, em *O Voo da Guará Vermelha*, é um “caminhante” por excelência, um herói às avessas que vive muitas aventuras, em que as pessoas descreiam, por isso nunca conseguira se alfabetizar - até Irene encontrar. A obra pode, de alguma forma, ser lida como *As Mil e Uma Noites* às avessas - pois ele conta histórias para Irene e à medida que a vida dela vai ficando povoada dessas histórias, ela quer viver mais um dia. É um romance de dor que trabalha com a força da palavra para salvar a alma, mas desvela ainda mais uma faceta tecedeira da autora. Entre tantas histórias que Rosálío e Irene viveram e contaram um ao outro, há um certo fio narrativo: a história do Sagui, que na opinião de Rezende, é o encontro com a morte e com a culpa. No programa “Um dedo de prosa com Maria Valéria Rezende - parte 1”, disponível no canal do Youtube Sorbonneparis4, conta: “É um animalzinho que a Irene conta ter matado sem querer, de tanto amor que tinha por ele. Ela o tinha atado a uma correia no pescoço e num momento de desatenção, o enforcou. Essa história marca essa personagem, porque a torna incapaz de fazer o mal. Pelo menos é assim que ela interpreta” (TONUS, 2012). O sagui volta a aparecer em outros dois romances que Maria Valéria Rezende posteriormente escreveu, como um animalzinho pertencente a outros personagens, em outros contextos, mas com a mesma mensagem. Na entrevista a TONUS, 2012, afirma: “Creio que essa mesma história pode ser contada muitas vezes e ela terá o mesmo papel e a mesma força”.

No caso da personagem chamada “Alice”, protagonista de *Quarenta Dias*, Maria Valéria torna e cerzir histórias e remete à outra Alice que é tão familiar, a do *País das Maravilhas* (1865). Nesta



obra, Lewis Carrol leva o leitor a acompanhar a personagem que se desloca para outro mundo, mantendo certo elemento épico mesclado ao maravilhoso. A Alice de Rezende busca um mundo real, ao procurar um rapaz, filho de sua amiga, numa peregrinação que se estende por quarenta dias.

No terceiro romance, *Outros Cantos*, Maria Valéria faz o que ela entende ser o propósito de toda literatura: revelar uma “prega”, matiz da convivência humana, pois é um romance no qual a história é contada pelo chão.

Novamente aqui, faz-se a referência ao universo das Letras. “Outros cantos é um romance magistral, sobre as viagens movidas a sonhos” (REZENDE, 2016). A escritura de Maria Valéria sensibiliza muito para a alfabetização, já que a própria escritora viveu intensivamente com os iletrados, ela mesma alfabetizando jovens e adultos, em sua missão como freira, mas também no rastro de Paulo Freire. E na obra, a personagem Maria, mulher que dedicou sua vida à educação de base, entrelaça passado e presente para recompor uma longa jornada de dificuldades.

Em conversa telefônica (05 de fevereiro de 2017, das 18h58 às 20h05), foi perguntado à autora se não estariam todos também apenas transitando por este mundo, sem rótulos, sem cargas que não pudessem levar além do aprendizado e do espírito? Como resposta, Maria Valéria mencionou um texto seu, publicado na coluna Bastidores do *Suplemento Pernambuco*, no qual explica a construção da sua personagem Alice, bastante relacionada à ideia de entrelugar: “Certamente insinua-se no texto emergindo do amálgama de experiências, sensações, leituras, camadas geoaquológicas que compõem a memória de quem viveu o bastante” (REZENDE, 2017). Neste texto da coluna Bastidores, publicado on line, Maria Valéria Rezende lembra o fato que deu o *start* à obra: “Há cerca de dez anos, uma conhecida telefonou no meio da noite: ‘Estou no ‘Trauma’, Biu sofreu acidente de moto’. Fui para lá e descobri que o hospital não previa parentes esperando ali notícias de seus feridos. Nem cadeiras no saguão, nem espaço coberto onde ficar. Voltassem depois, esperassem em casa notícia de morte ou alta”. A escritora ficou sensibilizada pelo fato de que as mulheres, mães, irmãs, namoradas ficavam ao relento, sentadas na borda da calçada externa do prédio ou de canteiros do jardim em torno do pouso de helicópteros:

Descalças, vestidas apenas com um short e um bustiê, com frio, fome e sede, sem dinheiro nem mais nada, como em casa estavam e se meteram na viatura policial com o filho, o marido baleado, esfaqueado. Passei a noite tentando alimentá-las, agasalhar, consolar, telefonar, se possível, a um parente. De manhã, Biu teve alta, só escoriações, mas eu fiquei lá, sem coragem de deixar as outras. Só entreguei os pontos 40 horas depois, ao receber do caixa eletrônico “saldo insuficiente”, acabada a gasolina. Percorri com essas mulheres a Grande João Pessoa, a levá-las a casa e trazer de volta ao “Trauma”, avisar um filho, marido, pai, irmão. Nessa romaria descobri na cidade frestas e rachaduras nunca antes notadas, um bequinho numa rua movimentada, a picada para a favela escondida onde eu antes só via mato ou mangue, portas empenadas de casarões em ruínas etc. Cada fresta dava em outro mundo, o avesso da cidade, o que ela quer esconder e a gente quer esquecer. Voltei para casa porque não podia mais ajudar, sentindo como um remorso: seria justo continuar ali por quarenta dias, meses, anos. Ficou um



sentimento de responsabilidade para com esses invisíveis e a ideia da personagem caída do lado “direito” da cidade no seu avesso, 40 dias, uma quaresma, a desvendar o que qualquer cidade grande esconde, logo ali. A ideia inquietava. (REZENDE, 2017)

Outro fato veio reforçar a ideia do romance, um projeto de “Redescoberta do Brasil”, para o qual a autora fora convidada em 2011. A ideia consistia em romancistas brasileiros passarem 15 dias em um estado que não o seu, para criar romances:

Propuseram-me Porto Alegre. Aceitei logo, sabendo que romance queria escrever: os quarenta dias. Reconhecendo-me incapaz de escrever um livro decente em poucos meses, não esperei pelo financiamento do projeto, usei milhas de viagens acumuladas, fui a Porto Alegre, minhas irmãs de lá me abrigaram, percorri duas semanas o avesso da cidade, usando como senha uma pergunta que depois emprestei a Alice, minha personagem/narradora: “conhece um rapaz da Paraíba, o Cícero Araújo, peão de obra, que não deu mais notícias à mãe, desesperada pelo sumiço do filho?”. O motivo da mudança da personagem paraibana para o Sul veio do que observo e ouço de tantas mulheres de minha geração: foram para o mercado de trabalho sem dispensa das tarefas domésticas, criaram os filhos sozinhas, adiaram projetos e sonhos pessoais e, chegada a aposentadoria, desejando tentar ainda realizá-los, são convocadas a ser avós profissionais. A pergunta/senha para vagar impunemente pela cidade veio dos inúmeros casos de gente desaparecida com que me deparo pela vida afora. (REZENDE, 2017)

Algumas escolhas feitas pela autora em *Quarenta Dias* constituem-se verdadeiro deleite ficcional, como o fato de se criar uma narradora em primeira pessoa que contracenava com a boneca Barbie, cuja imagem ilustra a capa do caderno onde anota suas sensações quase como um “vomitar” de vivências, que lembra muito a forma como a autora revela adiante conceber os seus romances, algo que inquieta ao infiltrar-se pelos cinco sentidos:

O resto gosto de crer que é invenção... O próprio modo de composição do texto, depois de voltar do Sul, em episódios esparsos escritos em cadernos, cadernetas, e-mails para mim própria, fragmentos de leituras e pedaços de coisas catadas nessas andanças, gerou a estrutura do romance: um caderno de desabafo, composto de retalhos de escrita tortuosa e descuidada, em que a personagem tenta explicar-se o que lhe acontece. O projeto que me empurrou para o Sul não foi adiante, mas o romance está aí. (Rezende, 2017)

Ao seguir a leitura sobre a escritora, vasculhando-se de tudo um pouco, diante de uma colcha de retalhos de informações, nasceu o desafio de se criar algo mais elucidativo, daí derivou-se a oportunidade única de se realizar duas entrevistas (uma por escrito e outra por telefone), apresentando, dessa forma, parte da fortuna crítica da escritora validada por ela mesma.

Salienta-se, agora, que todo este projeto foi revisto e atualizado pela própria Maria Valéria Rezende, em julho de 2019, com o propósito desta publicação. No contato com a autora, esta reiterou-se gentilmente ao projeto e contou que as noções de visão e audição à frente revelados, estavam mais



limitados.

3 Prosa da entrevista por escrito, na qual a autora clareia ilações equivocadas

Enviado o questionário, Maria Valéria Rezende foi respondendo perguntas sobre seu fazer literário, bem como sugerindo links de textos publicados sobre sua poética. Nas respostas que enviou, esclarece “querelas” que se repetem sobre ela como vírus ao longo dos anos e acabam sendo tomadas como verdades, mas não são. A primeira delas diz respeito à sua formação em língua francesa, relacionada a um exílio, que nunca aconteceu:

Um erro dezenas de vezes repetido é que fui exilada e então fiz o curso superior de Língua e Literatura francesa na Universidade de Nancy, na França. É verdade que tenho esse diploma, mas eu obtive sem sair de Santos: fazia-se o exame escrito na Aliança Francesa, e se houvesse estudantes aprovados, vinham os professores de lá para fazer os exames orais (não sei se ainda é assim). Passei em ambos, com 16 ou 17 anos e obtive o diploma. Com ele, restava a gente fazer as matérias de Didática geral, Didática Especial de Francês e Administração Escolar, numa faculdade brasileira, que a gente obtinha a licenciatura. Como logo em seguida fiz Pedagogia, nem fui até o fim do processo de licenciatura em Francês no Brasil.

Uma coisa que não me representa é dizer que fui “exilada”... saí várias vezes do país, e tive que ficar uns tempos fora, mas sempre construindo um modo de voltar e nunca me assumi como “exilada”. E “exilado” é aquele que se diz tal, mesmo que nem fosse preciso... Nunca me exilei. Outra coisa que aparece por aí é que morei em Angola, onde nunca botei os pés (é uma pena!). Creio que escrevi alguma coisa à mão, referindo-me à Argélia, onde de fato passei uns meses em 72, mas como minha letra é péssima, leram Angola e assim ficou e se repete como vírus... (rsrsrs) (REZENDE, 2017, via inbox)

A também falsa morada em Angola é encontrada em vários jornais de circulação nacional e, às vezes, encontram-se as duas informações errôneas atreladas uma a outra: «Foi viver em lugares como Angola, Cuba, Timor e França, onde se formou em literatura francesa pela Universidade de Nancy e fez mestrado em sociologia --antes disso, já era pedagoga formada pela PUC». (CASARIN, 2015).

Na sequência da entrevista, a escritora procura responder a uma pergunta muito recorrente: de onde saem os livros?

(...) de um imenso depósito que tem na cabeça, de peças de vários *puzzles* todas misturadas, que foram nos entrando pelos cinco sentidos através da vida, com todos os tipos de sensações que você tem, que vem de fora do mundo que vem de dentro de seu estômago, do rim, do enjoo que você sentiu, da tontura, de tudo que a gente já viu e já viveu. Eu tenho certeza: minha cabeça nasceu vazia. Tudo que tem lá dentro, entrou. Só que aquilo que você foi absorvendo do mundo e no mundo eu me incluo a mim mesma... (REZENDE, 2017, via inbox)

Questionada se em sua vida como freira e ao trabalhar com educação de adultos, chegou a



conhecer algum «Rosálio» de fato, ou alguém que a inspirasse para criar este personagem, bem como, se para a Irene houve alguma inspiração direta, ela respondeu:

Todos os meus personagens são criados a partir de uma espécie de síntese de gente que vi, ouvi, toquei, pelo mundo afora, e especialmente com quem convivi numa troca educativa, para mim e para eles. É assim que se criaram meu Rosálio, minha Irene e os demais... Muita gente se espanta e até se escandaliza de que escreva sobre prostitutas... quase todos os meus livros têm alguma prostituta. Não se lembram de que, até a pouco tempo atrás, principalmente no caso das prostitutas muito pobres que se encontram nas pontas de rua de qualquer cidade do país, as únicas mulheres que costumavam entrar nos bordéis, não sendo prostitutas nem cafetinas, éramos nós, as freiras, para tentar dar a mão a elas, pobres e oprimidas, necessitadas de todo tipo de ajuda, como qualquer outra pessoa a quem nos propomos a servir. Então, minha Irene também é uma síntese e um resgate de muitas delas que conheci e conheço. (REZENDE, 2017)

Alguns de seus personagens vivem em lugares pelos quais a autora mesma esteve. Ela afirma que eles podem ser a síntese de muitas pessoas, mas que o ponto de partida da linguagem do livro será sempre o personagem, que a partir dele, a linguagem vem como algo que chama de “coisa mediúnicca”. Desta convivência, outra pergunta solicitada dizia respeito a como Rezende se situava no mundo como pessoa e como escritora:

Eu não sou um Eu centro do mundo, eu sou um pedaço do mundo, que é afetado o tempo todo também pelo mundo. Eu não sou uma pessoa de jeito nenhum introspectiva. Eu jamais poderia fazer autoficção assim como muita gente diz que faz, que fica escarafunchando os seus sentimentos mais profundos e não sei o quê. Isso eu jamais seria capaz de fazer: ficar me examinando, sendo um psicanalista de mim própria. Eu não sou desse jeito, não sei fazer isso. Não digo que é bom, nem que é ruim. Então, pra mim, escrever uma história, um conto, um romance mais ainda... vamos dizer que, ao invés de ser um *puzzle* de quinhentas peças, um romance é um *puzzle* de muitas mil. É ficar catando aqueles pedaços de quebra-cabeça e tentar montar alguma coisa, porque eu sei que eles são ou podem vir a ser parte de uma imagem que faz uma certa unidade e um sentido. (REZENDE, 2017, via inbox)

Com uma grande quantidade de questões ainda em aberto, faltava um contato mais particular, a fim de se afinarem as ideias em torno da autora e de sua produção. Para tanto foi combinado um telefonema que ocorreu em 5 de fevereiro de 2017.



4 A entrevista por telefone: leituras de família e de mundo, colorindo romances

Nessa entrevista, cuja essência está transcrita a seguir, Maria Valéria Rezende fala do quanto ama as cores e os sentidos amplos que uma vasta cartela ocupa em sua vida, em contraponto à atual dificuldade de visão de um único olho “que funciona”, mesmo com catarata - e o esforço para escrever seus textos. Ajusta uma atribuição: de escritora dos marginalizados para escritora dos invisíveis, que lhe parece muito mais apropriada. Reforça a ideia de que escrever, para ela, é tão natural quanto respirar ou se alimentar e, por isto, quando criança acreditava que ‘todos iriam escrever um livro um dia’. Vinda de berço de uma família que respirava artes, música e literatura, tanto da parte de pai Leôncio de Rezende Filho, médico, quanto da parte da mãe escultora e artista, artesã (e tecelã) Maria Cecy Vasconcellos Rezende - a casa de sua avó Georgina Aranha de Rezende, sobrinha do poeta Vicente de Carvalho, era um ponto de encontro de escritores santistas que faziam saraus literários informais. Lembra-se bem: “Eu adorava palavras que não entendia. Minha paixão era catar nas coisas o que nunca tinha visto. E quando aprendi a ler a minha paixão eram dicionários e tinha um caderninho de palavras novas”. Aos 10, começou a ler livro de adulto. Vivia em casas forrada de livros, onde não se proibia ler nada e nem havia divisões entre os livros adultos e infanto-juvenis.

Adepta da educação como experiência freiriana (Paulo Freire), rodou o mundo como formadora de educadores populares - é fluente em Francês, Espanhol, Italiano e Inglês - e revela que o diferente que enxerga no mundo vira perspectiva de romance. “Não posso me queixar de vida monótona. Você vai ficando povoada internamente de todas as outras vidas”. Assumi de publicar e de escrever ficção chegando aos 60 anos, até como um prazer, para construir uma vida nova. Sempre preocupada com a qualidade, procura não se envaidecer com os prêmios, pois acredita que “não tem régua nem compasso para medir qualidade literária”.

Ela que já sofreu um infarto em plena Flip de 2006, contou nos minutos finais da ligação «misteriosamente, deixei de ser hipertensa, não sei o porquê e o médico também não sabe. Não estou perto de outro infarto. Também a gente aprende, é uma boa experiência”. Ela, que se mudou para o nordeste aos 30 anos de idade, região em que já passou mais da metade da vida, classifica-se como “Paulista, porém paraibana, por escolha e por decreto”.

Maria Valéria Rezende faz o bom uso desta entrevista para esclarecer sua biografia. Nem todo tópico que se segue termina com interrogação, já que o contato se desenvolveu em tom de diálogo. A pedido de Maria Valéria Rezende, para quem “o circuito neural é diferente no falar e no escrever”, esta entrevista, após editada, foi toda validada por ela. Esta versão que aqui se lê está conferida e aprovada pela autora em 2017, e novamente retificada em 2019, alterando o que fosse necessário.



Revista Crioula: Como é a Congregação onde vive há mais de 30 anos na Paraíba?

Maria Valéria: Em nossa comunidade nós somos quatro. Uma irmã mais nova e três idosas, eu e duas octogenárias. A nossa casa é cheia de gente que vem e que passa, que vem e que vai, porque nós temos muitos amigos. A minha rotina é uma sucessão de imprevistos. O fim de semana é um pouco mais tranquilo, porque não tem a parte administrativa, as compras a fazer, as contas a pagar, etc. É impossível eu ter rotina. Muitas vezes só consigo parar quieta, com tudo sossegado para poder me concentrar, a partir das onze da noite até às duas da madrugada. Mas mesmo isso às vezes não posso, porque estou cansada demais. Só tenho um olho que funciona, e ele está com catarata. Do outro olho perdi a visão, só vejo luz e sombra; e este joga uma mancha em cima da visão boa do outro olho. É uma confusão. Faço um esforço muito grande para usar computador, ler e escrever. Eu comecei escrevendo à mão porque acho muito melhor. O ritmo da escrita à mão e o ritmo do pensamento são muito mais próximos. Depois eu passava a limpo à máquina e depois ainda, quando veio o computador, passava a limpo no computador. Mas agora eu não posso mais escrever à mão, porque não consigo entender a minha letra, pois tenho artrose também. Estou também ficando cada dia mais surda, o que, de certo modo, é uma vantagem pra quem gosta de ler e escrever... o barulho dos outros não atrapalha a gente.

Revista Crioula: Tem alguém que auxilia nas versões finais? Você tem vários amigos críticos literários, jornalistas...

Maria Valéria: Não. Eu escolho uma ou duas pessoas de cada vez, para dar uma lida no meu original e me dizer o que acha etc, mas eu vou até o fim. Faço o polimento e quando entrego à editora há muito pouco a corrigir. Tenho várias cadernetas com título, personagens principais e o nó da trama dos romances que não vou ter tempo de escrever... mas já tenho uma amiga, excelente escritora e bem jovem com quem combinei que deixo pra ela essas cadernetas como herança, pra ela ver se dá pra aproveitar alguma coisa (risos...)

Revista Crioula: Você tem o seu canto personalizado dentro da casa? É comum ver aquela sua foto em frente às estantes de livros...

Maria Valéria: Aquilo é o terraço de nossa casa. Tem tantos livros aqui em casa que não cabia mais só dentro. Na verdade, tinha um quartão de despejo nos fundos do jardim que era meu escritório. Mas como agora fica meio longe das irmãs, prefiro ficar dentro de casa. Na verdade, eu trabalho num corredor onde instalei o meu computador. Ou então no ipad. É quando dá, é muito difícil, não tem rotina nenhuma.



Revista Crioula: Ao adentrar mais em sua poética, percebe-se que você tem muito o filtro do mundo urbano, cosmopolita; em suas obras traz o nordeste, o sertão, o analfabetismo, traçando comovente relações com o mundo das letras, o ser professor, o aprender a ler e a escrever: o ler o mundo. Você nega o título de regionalista, com uma frase muito interessante: “Há sertões escondidos em todas as rachaduras do mundo, nos avessos de todas as cidades. Quero que meus livros mostrem esses sertões escondidos”, diz. O que acha do título que a mídia lhe atribui: escritora dos marginalizados?

Maria Valéria: Não é exatamente como eu me vejo, assim como não me entendo como regionalista, como também já disseram. Porque o termo regionalista, aplicado a quem está escrevendo hoje, às vezes se tornou redutivo, no sentido de que você não é escritor “brasileiro”, é “regionalista”. Quando alguém escreve um livro que se passa todinho, sei lá, na Vila Madalena em São Paulo, ou na quitinete do sujeito que mora em Ipanema, não é “bairrista”, é literatura brasileira. Quando a gente escreve sobre gente do Brasil, de fora do eixo Rio-São Paulo ou das grandes metrópoles, é chamado de regionalista. O que não era diminutivo no início, quando do Manifesto Regionalista, do Gilberto Freyre, com toda a história da afirmação, acabou ficando só a palavra: é um escritor regionalista. Fica meio secundário, não é propriamente escritor. Eu prefiro dizer que escrevo sobre os invisíveis. Porque não é a mesma coisa que marginalizados. Muitas vezes, as pessoas não estão à margem, estão perfeitamente inseridas dentro de um sistema, sendo úteis ao sistema e exploradas por ele; mas são invisíveis. Ninguém quer saber qual é a vida deles, ninguém quer ouvir o que eles têm a dizer. Penso sempre nos empregados domésticos das grandes famílias milionárias do Brasil. Eles são invisíveis. Você mal os vê nas novelas e na própria televisão, são quase invisíveis, você só vê o uniforme. Eu gosto mais de dizer: sou em parte uma escritora da invisibilidade.

Revista Crioula: E aí entram o pedreiro Rosálio e a prostituta Irene. Pode-se encontrar muita coisa sobre Outros Cantos, Quarenta Dias, e até Vasto Mundo, que foi reeditado pela Alfaguara, mas pouco sobre O Voo da Guará Vermelha...

Maria Valéria: Sobre *Vasto Mundo*, deixa eu te dizer uma coisa: essa reedição da Alfaguara é diferente, não é simplesmente a reedição da primeira versão. Para mim é um romance, romance que é contado pelo chão. Tanto que na primeira versão eu tinha posto só um texto introdutório que se chama “A Vila”, que é um pouco assim como um portal para dizer: ‘Olha, quem está contando esta história é a Vila’. Inclusive, esse texto termina exatamente com as seguintes palavras: “Nisso creio consistir o serem humanos, em poderem ser contados cada um deles como uma história”. Minha ideia era fazer um romance que não tivesse um protagonista individual, o protagonista é o coletivo, o povo de Farinhada, mas que vou recontando através da história de cada um. Pode ver que na segunda versão,



além de mais capítulos – pois para mim são capítulos – porque esse mundo continuou vivendo na minha cabeça, - dividi em 3 partes e reorganizei os capítulos. Agora cada parte é introduzida por uma “Voz do chão”.

Revista Crioula: Das suas irmãs: a Vitória, a Verônica, a Valentina e a Viviana, ou o seu irmão Leôncio, alguém é escritor?

Maria Valéria: (Risos) A Verônica e a Vitória são pintoras e escultoras. A Verônica escreveu muito, primeiro livros acadêmicos. Ela fez mestrado, doutorado, livros didáticos, pesquisas que fez, então tem livros teóricos da minha irmã que se chama Maria Verônica Rezende de Azevedo. Só recentemente começou a escrever ficção e em 2017 e 2018 publicou dois livros de contos. A minha irmã Vitória, quando ia fazer 70 anos, escreveu um livro de memórias que é uma delícia, mas fez assim uma tiragem só para a família. O meu irmão escreve muito bem e fez um livro todo de contos-crônicas, pois são crônicas um pouco ficcionais. E estou insistindo com ele para a gente publicar logo, mas é tanta coisa que você acaba não fazendo. Minha irmã Viviana é uma craque da revisão do que nós escrevemos e, quando quer, escreve muito bem. A Valentina, entre muitas outras coisas, foi atriz e ganhou um Mambembe há muitos anos. Todos somos leitores! A gente cresceu com o ‘ler é essencial e ponto’. É como tomar café, almoçar, jantar e dormir. Segundo, também a gente vivia no meio de escritores, tanto na família do meu pai, quanto de minha mãe. Aquilo era assim: ‘já viu o último livro de primo fulano? de tia beltrana?’ Parecia que todo mundo, um dia, ia escrever um livro. Isso para mim é uma coisa que me facilitou muito a vida, porque eu nunca tive aquela ideia de que escritor é um ser à parte. Colocam o escritor como uma espécie à parte e as pessoas ficam todas comovidas de chegar perto dele. Vou à farmácia, ao supermercado, ando pela rua e o povo aqui do bairro não acha nada de mais. Esse culto do escritor, como celebridade ou pop star, mais recente, não existia antigamente, muitas vezes do escritor a gente não sabia nem que cara tinha. Queríamos era ler os livros. Mas agora, complicou, o que também dificulta a vida da gente. Na hora que você ganha um prêmio, gente de todo canto quer que você escreva a orelha do livro; quer que faça não sei o quê; você tem 52 convites para eventos em qualquer lugar do planeta, durante um ano e não pode ir; não sei quantos jornalistas querendo entrevista. Isso dificulta a minha vida porque na verdade, fui acostumada e cresci com a ideia de que a minha vida era para prestar serviço. É muito difícil dizer não. E na hora que digo sim, fico afogada de tarefas aqui, porque a minha vida é uma vida normal, comum e corrente.

Revista Crioula: Sobre a questão dos prêmios literários, você mencionou o assédio, mas também tem a parte do deslumbre. Os prêmios literários saindo para livros como os seus,



reforçam a literatura ex-cêntrica. Como se sente?

Maria Valéria: Eu fico contente com isso, porque significa que quem está julgando é gente com uma sensibilidade mais ampla. Agora estou ainda mais interessada em escrever sobre os invisíveis, porque isso é fundamental no Brasil de hoje. Eu já participei de vários júris de prêmio e não me deslumro muito porque ganhei o prêmio, pois sei que no final, do final, do final, você está comparando, inclusive, coisas incomparáveis. São estilos completamente diferentes, temáticas diferentes e é muito difícil decidir, mas o regulamento impõe escolher um. Mas é quase no par ou ímpar, fica difícil. Não acho que sou a melhor. Calhou que naquele júri, por fim, a indecisão acabou se resolvendo por decidirem me dar o prêmio. Quando sai a lista dos finalistas de algum prêmio, leio todos. Mesmo se eu tiver dentro, mais ainda, vou ler os outros porque acho que eles são melhores do que eu. Eu mesma sempre fico assim: ‘puxa, não sei para quem daria o primeiro lugar’. Frequentemente fico lá indecisa entre quatro ou cinco, porque não tem régua e compasso para medir qualidade literária. Entra o gosto, a identificação, as cismas de cada um, por isso a gente também não tem que se deslumbrar muito porque ganhou um prêmio. Se bem que o prêmio traz uma vantagem: faz você ser mais lida.

Revista Crioula: Sua renda vem com a tradução, algo que faz há muito tempo. Mas os prêmios mudam essa condição, não?

Maria Valéria: Só com a nossa aposentadoria de idosa de INSS não dá para sobreviver. O prêmio faz vender mais. *Quarenta Dias*, por causa do Jabuti, está na quinta reimpressão. Agora já estou imaginando que daqui a uns dias vou receber meus 10 exemplares de verificação de *Outros Cantos*, pois o pessoal da Alfaguara ficou animado com o prêmio Casa de las Américas. Já me chamaram, fizeram material para distribuir em todos os pontos de venda, assim como da outra vez. O *Outros Cantos* já estava programado para ser lançado em janeiro e ficou um pouquinho à sombra do Jabuti², mas agora, de repente, ressuscita. Mas de direitos autorais é difícil viver e, portanto, sem as traduções não é possível pagar as contas.

Revista Crioula: O Casa de Las Americas veio esquentar...

Maria Valéria: É isso mesmo.

Revista Crioula: E tem algo no prelo que possa revelar? Como avalia a recepção de suas últimas obras?

Maria Valéria: Tenho o livro de contos que, aliás, ganhou menção honrosa no Prêmio cidade de

² *Quarenta Dias*. 1º Lugar na categoria Romance e no Livro do Ano de Ficção em 2015. Autora: Maria Valéria Rezende. Editora: Editora Objetiva. Obtido em <http://premiojabuti.com.br/noticias-home/quarenta-dias/> acesso em 1 de fev de 2017.



Recife, em 2009; e em 2013, com alguns contos a mais, uns a menos, mandei para o concurso de Belo Horizonte, com outro título e também ganhei a menção honrosa. Então, ele deve ser bonzinho. Chama-se *A face Serena*, publicado pela editora Penalux, de Guaratinguetá, no final de 2017, e foi finalista do Jabuti na categoria “contos” em 2018. Em abril de 2019 publicou-se meu romance mais recente, *Carta à Rainha Louca*, cuja primeira tiragem se esgotou na editora, mas a nova reimpressão está sendo preparada pela Alfaguara para agosto de 2019.

Revista Crioula: Qual é a principal marca do romance contemporâneo, é esta questão dos invisíveis ou o que mais, em sua visão?

Maria Valéria: Eu não sei o que é que se chama de romance contemporâneo. São etiquetas. O pessoal da teoria literária tem que classificar e etiquetar as coisas. E eu que nunca estudei teoria literária e, a essa altura da vida é tarde demais e não tenho vontade. Quando estudei Língua e Literatura Francesa, estudar literatura era ler a literatura. Não tinha montes de teoria. Eu li de *La chanson de Roland* até Sartre, Camus, enfim, o que estava se publicando naquela hora. Era uma formação muito mais de analisar realmente textos e tudo. Na hora de escolher o que ler, hoje em dia que tem tanta alternativa, eu tendo a ler aquilo que talvez não se enquadre exatamente numas definições de romance contemporâneo, que nem sei bem qual é. O que está se publicando hoje, se é isso que você está me perguntando, há muito de ‘eu, o centro do mundo’, ou de “esse mundo não me merece”. Não aguento muito mais ler livros em que o protagonista é um escritor. Talvez seja uma espécie de contaminação do fato recente de que escritor virou pop star, ou pode virar. Uma contaminação dos escritores por essa condição. O escritor, de repente, pode ser um super personagem. Por outro lado, também acho que tem coisas extremamente originais e diferentes saindo. Para mim, o que acho bacana é você ter a liberdade de escrever como bem entender. O que não quer dizer que quando a gente escreve o que bem entende saia um livro maravilhoso. (Risos) Mas, pelo menos... Eu me dou a liberdade de escrever sobre o que eu quiser, do jeito que eu quiser, e pronto, acabou. Se os outros gostarem, muito bem. Se não gostarem, azar meu. O que é engraçado é ver que a leitura dos homens é muito diferente da leitura das mulheres. Eu queria que alguém pesquisasse isso. O mesmo livro, como é lido por uma mulher e como é lido por um homem. O *Quarenta Dias*, por exemplo, das mulheres recebi um monte de recados por inbox ou gente que mandou e-mail para a Editora pedindo para encaminhar a mim. Uma dizendo assim: ‘quero te agradecer pois eu estava a um passo de cair nessa armadilha. Quando li o seu livro, me deu coragem de dizer não ao meu filho’. Enquanto que para outro resenhista, um grande amigo meu e ótimo poeta, isso não interessa muito: ‘as primeiras 60 páginas são lentas demais’. São exatamente essas primeiras páginas que falam do conflito com a filha, antes da narradora sair para a rua. Uma das coisas que vejo é que o pessoal parece precisar escrever um livro muito grosso. Chamo de Síndrome



de Bolaño. Chega uma hora que você cansa de ler a mesma coisa. ‘Eu já sei isso aí, meu filho, vai em frente. Quero que me contem uma história. Se eu não quiser que me contem uma história vou ler poesia e não ficção. Uma história onde não acontece nada me cansa.

Revista Crioula: Sobre O voo da Guará Vermelha, o que mais lhe toca nesta obra?

Maria Valéria: Sempre penso, quando estou escrevendo, penso nos personagens como alguém que merece respeito. Quando releio, acho que consegui fazer com que o leitor preste atenção e compreenda mais o que é ser trabalhador pobre no Brasil. Há muitas vezes uma confusão entre analfabetismo e burrice. E não tem nada a ver uma coisa com a outra. O ser iletrado, não quer dizer não ser incapaz de ler e de compreender. Já ouvi dizerem que ‘o neoleitor é uma pessoa que não domina a cultura’. Como não domina a cultura? Domina a sua cultura e domina muito mais, porque ele depende muito mais da memória. É uma coisa impressionante você conversar com uma pessoa que não lê livros, porque ela tem uma memória fantástica, capaz de contar detalhes da vida e dos acontecimentos com uma precisão absoluta. É uma coisa linda. Pede para um intelectual qualquer te dizer o nome de 30 plantas, em geral ele não consegue; ou de 30 ferramentas manuais para qualquer tipo de trabalho, ele não consegue; ou de 30 animais silvestres que haja no Brasil, ele não consegue. Pede para um trabalhador “analfabeto” te dizer o nome de 30 plantas, 30 ferramentas, 30 animais, ele sabe, muito mais do que isso, certo? Ele sabe como fazer as coisas. Tem doutor em Engenharia Mecânica que não sabe trocar o pneu do carro. Estou usando uma comparação meio exagerada, mas enfim...

Revista Crioula: Foi esse amor pelas histórias que fez você compor essa Sherazade às avessas que é a história de Rosalio e de Irene?

Maria Valéria: Eu gostei muito de fazer, mas não percebi imediatamente que era isso que eu estava fazendo. Depois percebi e meti a Sherazade lá no meio para todo mundo perceber. (Risos)

Revista Crioula: Você já viu uma Guará Vermelha?

Maria Valéria: Eu usei Guará Vermelha porque, para mim, que sou santista, o guará vermelho é como um símbolo de ressurreição. Quando eu era criança, havia guarás vermelhos nos mangues, ali onde está a Ilha de Santos e as outras ilhotas e braços de mar³. São vários braços de mar sinuosos, e aquilo tudo é mangue. E ali era um dos habitats do Guará vermelho, em certas estações do ano. Quando fizeram a Siderúrgica e refinaria de petróleo no Cubatão⁴ aquilo envenenou tudo ali e os guarás

³ Visualize em <https://www.google.com.br/maps/search/Ilhas+de+Santos+-+São+Paulo/@-23.9460282,-46.3016625,11z>

⁴ Segundo a tese de doutorado, defendida em janeiro de 2003 no Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp) pelo professor-doutor Joaquim Miguel Couto, de Cubatão, “se nos anos cinquenta, Cubatão foi marcada pela construção da maior obra do país (a refinaria de petróleo), já no início dos anos sessenta o mesmo não foi diferente: estava em ritmo acelerado a construção da primeira siderúrgica marítima brasileira: a Companhia Siderúrgica Paulista - Cosipa. Obtido em <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch100k.htm> acesso em 12 de fev de 2017.



vermelhos desapareceram. Depois houve todo um trabalho de despoluição ali, e os guarás vermelhos voltaram. Então, para mim, o guará vermelho foi como festa de ressurreição, uma coisa que era linda, que gostávamos de ver e íamos procurar, mas tinha desaparecido e voltou. Nasceu de novo.

Revista Crioula: Que bonita história...

Maria Valéria: Isso é uma coisa que acho que nunca tinha explicado para ninguém. O guará só vive em certos lugares, em geral os estuários ou deltas de grandes rios onde há mangues.

Revista Crioula: E assim colocou o vestido encarnado na Irene e tudo fluiu... e em alguma medida, a Guará Vermelha foi você também, porque este foi o romance que te alavancou...

Maria Valéria: (Risos) Na verdade, eu escrevi o conto por causa de guará vermelho, quando da minha emoção de ver um guará vermelho de novo pelos mangues, quando estava subindo para São Paulo. Ele passou voando e já tinham me falado que os guarás tinham voltado. Foi isso que me disparou na cabeça para escrever aquele primeiro capítulo, que para mim era um conto. Pronto, acho que nunca expliquei isso a ninguém, porque ninguém me perguntou.

Revista Crioula: Qual o nome de seu pai, a mãe é Maria Cecy...

Maria Valéria: Maria Cecy Vasconcellos Rezende. Meu pai é Leôncio de Rezende Filho, meu irmão é Leôncio de Rezende Neto e tem o filho dele que é Leôncio Machado de Rezende, porque bisneto era frescura demais. (Risos)

Revista Crioula: Qual era a profissão de sua mãe? Seu pai era médico...

Maria Valéria: A minha mãe era mineira, tanto que passei a minha vida, todas as férias que eram muito grandes no meu tempo de criança, graças a Deus, em Belo Horizonte ou andando por Minas com os meus avós. E o ano letivo em Santos. Quando era menor passava ainda mais tempo em Belo Horizonte. Eu tive essa sorte de viver, desde muito pequena, em dois mundos bastante diferentes: desde a fala, a comida, os costumes, os gestos, as coisas, as cidades. Uma no meio das montanhas a outra na beira-mar. E isso me deu uma sensação de que o mundo sempre foi grande. Vivendo em Santos, no porto mais movimentado da América Latina, com gente do mundo inteiro onde se ouvia todas as línguas, navio passando, navio chegando. A gente vivia no meio do mundo. E depois era uma cidade com muita efervescência cultural. Eu conheci demais e já estava na faculdade quando a Pagu^s morreu, e ela era extremamente ativa lá em Santos. Tinha o pessoal da música também: O Gilberto Mendes, grande maestro que morreu no começo do ano passado com noventa e tantos anos, comendo e to-

⁵ Patrícia Rehder Galvão defendia a participação ativa da mulher na sociedade e na política - e foi a primeira brasileira do século 20 a ser presa política. Obtido em <https://educacao.uol.com.br/biografias/patricia-galvao-pagu.htm> acesso em 12 de fev de 2017.



cando. Encontrei-me com ele um mês antes de ele morrer. Havia um Madrigal, a gente cantava e me lembro que ele era um músico erudito-contemporâneo, música de vanguarda. Eu me lembro quando surgiram os poetas concretistas, o Decio Pignatari fez o famoso poema “Beba coca-cola”⁶ e acho que não estava nem publicada em livro ainda. O Gilberto pegou aquilo e fez uma peça-coral, creio que para oito vozes. Nós cantávamos música medieval, música renascentista e quando o povo começava a pedir bis a gente saía de “Beba coca-cola”. Era um escândalo. Depois, lá em Santos a Pagu organizava o Festival Nacional de Teatro Amador, que era a maioria teatro de estudantes. No mês de julho aquilo era fantástico, tinha o campeonato Aberto de Tênis de Santos, um dos mais importantes. Sei que era a gente de todo lugar e a gente aprendia a compreender outras línguas, só de conviver com as pessoas. Pulava o muro da minha casa tinha uma família de judeus de origem creio que polonesa, pulava outro muro tinha uma família em que o pai era em inglês, a mãe era alemã, pulava outro muro chegava na casa dos portugueses, pulava outro muro e agente pulava de muro em muro, a criançada era muito mais livre. Isso tudo está guardado em mim e de vez em quando sai uma coisa assim.

Minha mãe tinha profissão, sim. Era professora normalista formada e depois fez várias especializações e trabalhava em Belo Horizonte no Instituto Pestalozzi, foi uma das primeiras escolas no Brasil para crianças com problemas motores ou mentais. A minha mãe era uma artista, ela fazia de tudo, pintava e bordava..., Meu pai morreu muito cedo e meus irmãos eram ainda adolescentes. Minha mãe acabou de criar os filhos inventando coisas incríveis. Ela sabia fazer o tear, porque tinha aprendido tudo que eram técnicas artísticas e artesanais. Aprendeu a fazer com as tecelãs lá do interior de Minas, onde ela nasceu, um tipo de tecido que se fazia em Minas – nem sei se ainda se faz, as colchas de barafunda, de lã fininha – e aprendeu a fazer os teares. Se o seu tema é tecelagem, eu sou filha de uma tecelã. Quando papai morreu, a mamãe foi para um carpinteiro e marceneiro, desenhou peça por peça e fez o tear dela, que era todo de madeira e ela começou a fazer peças únicas, de lã, para vender. Fazia um xadrez de uma cor e depois um corte liso para as pessoas fazerem *tailleur*, a saia de xadrez ou casaco, o outro corte liso, nunca repetia um. Quem comprasse, ainda levava junto dois ou três modelos desenhados pela minha mãe. Ela vendia tudo, tudo, e não dava conta. Ela inventava, tinha uma porção de bordadeiras madeirenses que moravam lá em Santos e ela desenhava e montava enxovais para vender. Coisa muito bem feita e ela não dava conta de bordar tudo sozinha, então tinha uma equipe de bordadeiras para quem levava. Ela fazia os riscos, todos os originais. Por isso e por causa dos lugares por onde andei, eu sei tecer também, em vários tipos de tear.

6 Poema concreto de 1957. Obtido em <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=291> acesso em 12 de fev de 2017.



Revista Crioula: Não só palavras...

Maria Valéria: Sei, inclusive, fazer o tear de cintura⁷, que é o que o pessoal usa no México. Vivi um tempo no México e aprendi, fui lá ver como elas faziam e aprendi a fazer o tear de cintura. Sei fazer um e sei tecer se for preciso. Digo sempre que fui uma privilegiada que viu o mundo inteiro sem nunca pagar passagem, porque me chamavam para trabalhar. Eu já nasci no meio do mundo.

Considerações finais

A pesquisa acerca da escritora brasileira Maria Valéria Rezende nasceu pela necessidade natural da revisão de literatura, por conta do levantamento da fortuna crítica para a dissertação *Fios de Roca e Tramas Sentimentais: personagens tecelãs em O Continente, Os Sinos da Agonia e O Voo da Guará Vermelha*, mas engrandeceu-se pela magnitude alcançada a partir do contato direto com a autora. Maria Valéria rememorou vivências de sua relação familiar, abordou seu dia a dia na congregação, conciliado com a escritura de seus textos e até abriu fatos sobre sua própria avaliação a partir do comentado pelo senso comum e publicado pelos meios de comunicação, sobre seu fazer literário. O mais importante, esclareceu fatos equivocados repetidamente divulgados sobre ela e ainda validou o texto pronto, antes da defesa pública em banca e o revisou, na inclusão no texto científico.

Salienta-se o desafio em realizar este trabalho, uma vez que ao ter as portas abertas para o contato com a escritora, culminado na agradável conversa telefônica de mais de uma hora, em 5 de fevereiro de 2017. Dois anos depois, pela necessidade de atualização e lapidação textual, um novo contato com a escritora, para revalidar sua fortuna crítica. Esta interação dá a riqueza ao texto.

Por fim, o que fica após esta experiência são não apenas as sementes plantadas após a leitura das obras, como a Sherazade que brota logo após a primeira leitura de *O Voo da Guará Vermelha*, mas em especial o cuidado simples em se sentir tocado a enxergar o tudo, no nada: como por exemplo viver a representação do sultão e da sultana no subúrbio, entre becos e tapumes, soltando dali fios de história alimentados na desesperança e no cruzar sertões. Com a escritora Maria Valéria Rezende, fica sempre a mensagem de que o texto pode - e deve - ser curto, mas profundo, servindo-se da magia do fato de que “a inventação não tem fim”.

7 Veja imagem em <https://www.flickr.com/photos/soluart/5077091582> acesso em 6 de fev de 2017.



Referências

- CASARIN, Rodrigo. *Freira que ganhou Jabuti de melhor romance centra obra nos marginalizados*. UOL: São Paulo, nov. 2015. Recuperado de <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/11/26/freira-que-ganhou-jabuti-de-melhor-romance-centra-obra-nos-marginalizados.htm>
- PIACESKI, Daiana Patrícia Follman Pasquim. *Fios de Roca e tramas sentimentais: personagens tecelãs em O continente, Os Sinos da Agonia e o Voo da Guará Vermelha*. (Dissertação de Mestrado). P579f, PPGL, UTFPR - Campus Pato Branco, 2017. 167f.
- REZENDE, Maria Valéria. *O voo da Guará Vermelha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
_____. *Quarenta Dias*. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2014.
_____. *Vasto Mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
_____. *Outros Cantos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
_____. *Ouro Dentro da Cabeça*. Ilustração Diogo Droschi; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- REZENDE, Maria Valéria. Entrevistadora: D. Pasquim. *A entrevista por telefone: leituras de família e de mundo, colorindo romances*. Ligação telefônica de Pato Branco-PR a João Pessoa-PB, 5 de fevereiro de 2017. Gravador ACR App (1h7min). Entrevista concedida exclusivamente à dissertação de mestrado *Fios de roca e tramas sentimentais: personagens tecelãs em O Continente, Os Sinos da Agonia e O Voo da Guará Vermelha*, 2017.
- REZENDE, Maria Valéria. “Bastidores”, *Suplemento Pernambuco*. Recuperado em <http://www.suplementopernambuco.com.br/edições-anteriores/67-bastidores/1211-ha-10-dias-uma-conhecida-ligou-no-meio-da-noite.html> acesso em 1 de fevereiro de 2017.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. *Maria Valéria Rezende viveu na rua para escrever romance*. O Estado de S. Paulo, Estadão Cultura. 2 mai 2014. Recuperado em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,maria-valeria-rezende-viveu-na-rua-para-escrever-romance,1161541>
- TONUS, Leonardo. *Um dedo de prosa com Maria Valéria Rezende - parte 1*. Recuperado de Youtube Sorbonneparis4, 15 de janeiro de 2012. Obtido em <https://www.youtube.com/watch?v=Elxe4tQSWkI> acesso em 6 de fev de 2017.

